

© Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© All rights reserved.

NOTA DA EDITORA

Armando Martins Janeira tinha um sonho: ser poeta. *Linda Inês ou O Grande Desvairo* é provavelmente, de todos os seus trabalhos éditos e inéditos, o mais poético.

Janeira deixou-nos este texto dactilografado acompanhado de uma breve nota, de uma página apenas, intitulada “Duas palavras para esta nova edição”, onde é claro o seu desejo de publicar a peça. As razões por que não concretizou esse intento são-nos desconhecidas.

Armando Martins Janeira cruzou o meu caminho quando há cinco anos conheci a viúva do escritor, Ingrid Bloser Martins. A pouco e pouco, fui conhecendo o seu percurso, pessoal e profissional, através da leitura dos livros que publicou e das longas conversas com Ingrid Martins. Janeira escreveu sobre o Oriente e a influência portuguesa e ocidental na cultura japonesa, sobre Wenceslau de Moraes, a literatura japonesa, o teatro clássico japonês e o teatro ocidental, sobre assuntos históricos, sociais e políticos, de direito internacional; curiosamente, o primeiro livro que li foi a peça *Linda Inês*, a versão original de 1957. Nunca pensei contudo vir a ter o privilégio de descobrir o seu trabalho inédito.

Nestes anos em que tenho estudado o espólio literário do diplomata e investigador encontrei várias peças de teatro: entre elas *Linda Inês ou O Grande Desvairo*, aparentemente igual ao texto já publicado. Mas não: a peça é de facto muito diferente, mais alargada, mais maturada do que a primeira.

Tentei recolher todo o material que Janeira deixara relativo à primeira versão para melhor compreender as motivações que o levaram a refazer esse texto original, nomeadamente: a correspondência em Sydney, na Austrália, “berço” da *Linda Inês*, com Noel Rubie, dramaturgo e pintor, que traduziu o texto para inglês, e Doris Fitton, nome importante do teatro australiano e directora e fundadora do Independent Theatre, onde estreou na noite de 27 de Abril de 1952 a versão inglesa *Crown the Dead Queen*; a

correspondência em Portugal, primeiro com Francisco Lyon de Castro, com vista à edição da peça pelas Publicações Europa-América, e com vários escritores e amigos; depois, com homens do teatro, com o encenador António Pedro, aquando da apresentação nos palcos em 1959; as críticas publicadas na imprensa e outros documentos importantes ligados à edição e às representações. Em 2000, doze anos após a morte de Armando Martins Janeira, a peça *Linda Inês* é uma vez mais levada à cena, desta vez pela ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve, sob a direcção do actor e encenador Luís Vicente. Depois de refazer a história da *Linda Inês*, não tinha dúvidas: estava perante uma narrativa inacabada: faltava divulgar a peça inédita, porque esta, sim, seria de facto a que Janeira queria ter visto nos nossos palcos. O primeiro passo era analisar o texto: não datado, dactilografado em três cópias, segui aquela que evidenciava ter sido alvo de uma última revisão por parte do autor.

Incluí na presente edição todas as emendas feitas à margem do texto pela própria mão de Janeira; corrigi erros de grafia, acentuação ou pontuação que advinham das limitações impostas por uma máquina de escrever; registei ainda algumas oscilações relativas ao uso de maiúsculas, e intervim com vista à sua normalização, mantendo-as quando o autor delas fazia uso intencional para dar ênfase a altos conceitos como “Amor”, “Vida”, “Morte”, “Nação” ou “Povo”, na designação das personagens nas indicações cénicas e nas formas de tratamento da monarquia, nos casos em que se queria expressar grande deferência.

Cabe-me aqui um comentário sobre a linguagem das personagens de *Linda Inês ou O Grande Desvairo*. No seu ensaio *O Teatro Moderno*, publicado em 1952, Armando Martins Janeira refere que «a linguagem do nosso teatro ainda está muito presa às estruturas literárias que nele tanto têm predominado», havendo no português escrito «certo ressaibo erudito ou culto que lhe tira fluidez e naturalidade.» Acrescenta ainda:

Todos nós sentimos o embaraço do tratamento que havemos de dar a alguém. Já Francisco Manuel de Melo o notava: “você” é familiar, “vós” é antiquado, “Vossa Excelência” exige maiúscula e é enfático e pretensioso. A abundância com que nós distribuímos excelências faz sorrir os estrangeiros, que nos consideram indivíduos muito curiosos, com um amor patológico e cândido pelas vénias. (...) No entanto,

infelizmente, lá fora, com menos cortesia de frases, há mais respeito pela pessoa do próximo, mais consideração de homem para homem, mais educação social. O que prova que a nossa etiqueta é menos um sinal de civilização do que um hábito nosso sem significado (pp. 183-184).

De facto, o que caracteriza sobretudo as duas versões de *Linda Inês* é a modernização do diálogo que, conseqüentemente, confere ao autor uma maior liberdade nas formas de pensamento, e mesmo nas formas de tratamento – bem visível, por exemplo, no diálogo entre Pedro e o Escultor –, assim como nas referências anacrónicas. No mesmo estudo, conclui Janeira:

Mas se a língua de si não é sempre maleável, se nem sempre favorece a naturalidade de tratamento entre as pessoas (e a literatura tem largas culpas nisso), ao menos que o escritor, particularmente o dramaturgo, tenha consciência disso, e a trabalhe e se esforce por contribuir com o seu engenho para a tornar mais natural, mais fluente e mais fácil para o convívio social (p. 185).

Recorrendo a uma linguagem realista, Armando Martins Janeira defende assim na sua *Linda Inês ou O Grande Desvairo* que o que importa no drama histórico é a vida, o ambiente humano e a individualização das personagens, e não a reconstituição do ambiente histórico através do diálogo e de pormenores pitorescos.

Baseando-me na primeira versão, defini também neste texto o fim do prólogo e o início do primeiro acto, que Janeira não refere certamente por lapso, já que os restantes actos e o epílogo se encontram identificados.

Armando Martins Janeira tinha uma particular paixão pelo teatro. No Japão deixa-se encantar pelo teatro clássico, e traduz para português peças de *nô*, reunidas em 1954 em *Nô, Teatro Lírico Japonês*. Em 1967 publica a sua segunda peça, *A Grande Feira do Mundo*, e um importante estudo sobre *O Teatro de Gil Vicente e o Teatro Clássico Japonês*. São mais de uma dezena as peças de teatro que deixa inéditas. Escreve em *O Teatro Moderno*:

É no povo português que o nosso teatro encontrará a sua inspiração fecunda, procurando dar a sua vida com verdade, debater os seus problemas, encher-se das suas preocupações e da sua fé e falar a sua linguagem simples e profunda.

A arte vive e dura pela soma de verdade que contém. Para ser verdadeiro, o teatro deverá ir ao seio do povo e sondar a sua alma, para poder equacionar as atitudes do homem português perante as questões essenciais do mundo de hoje; ser intérprete e confessor das dúvidas e esperanças que o abalam (p. 181).

Para Janeira, o teatro, ao lado do poema épico, regista as criações mais altas do espírito humano. O poeta russo Aleksandr Pushkin escreveu que «depois de Deus, Shakespeare é o maior criador de seres vivos: criou uma humanidade inteira». E há realmente em Janeira esse sentimento de que a tragédia grega, os dramas de Shakespeare, não foram ultrapassados, fazendo do teatro «o mais alto expoente da cultura dum povo».

No ano em que se comemoram os 650 anos da morte de Inês de Castro, a editora Pássaro de Fogo presta tributo a Armando Martins Janeira com a presente publicação.

Paula Mateus

Novembro de 2005

(Nota à 1ª edição de *Linda Inês ou O Grande Desvairo*)

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com excepção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.

No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to info@armandomartinsjaneira.net.